

STEVEN PINKER

Os anjos bons da nossa natureza

Por que a violência diminuiu

Tradução

Bernardo Joffily

Laura Teixeira Motta



Copyright © 2011 by Steven Pinker

Todos os direitos reservados.

Trechos de “MLF Lullaby”, “Who’s Next?” e “In Old Mexico” de Tom Lehrer. Reproduzidos com permissão de Tom Lehrer.

Trecho de “It Depends on What You Pay” de Tom Jones. Reproduzido com permissão de Tom Jones.

Trecho de “Feel Like I’m Fixin’ to Die Rag”, letra e música de Joe McDonald. © 1965, renovada em 1993 por Alkatraz Corner Music Co.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Better Angels of Our Nature: Why Violence Has Declined

Capa

Kiko Farkas e Adriano Guarnieri/ Máquina Estúdio

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinker, Steven

Os bons anjos da nossa natureza : Por que a violência diminuiu
/ Steven Pinker ; tradução Laura Teixeira Motta. — 1ª ed. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : The Better Angels of Our Nature : Why
Violence has Declined

ISBN 978-85-359-2232-5

1. Não violência - Aspectos psicológicos 2. Violência - Aspectos
psicológicos 3. Violência - Aspectos sociais I. Título.

13-01476

CDD-303.609

Índice para catálogo sistemático:

1. Trajetória histórica da violência: sociologia 303.609

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Lista de ilustrações</i>	13
<i>Prefácio</i>	19
1. Uma terra estrangeira	29
Pré-história humana	30
Grécia homérica	33
A Bíblia hebraica	36
O Império Romano e os primeiros tempos do cristianismo	43
Cavaleiros medievais	50
A Europa no começo da era moderna	51
A honra na Europa e nos primeiros tempos dos Estados Unidos	55
O século xx	57
2. O Processo de Pacificação	67
A lógica da violência	68
A violência em ancestrais humanos	74
Tipos de sociedades humanas	79
Taxas de violência em sociedades com e sem Estado	88
A civilização e seus mal-estares	99

3. O Processo Civilizador	103
O declínio dos homicídios na Europa	105
Explicação para o declínio dos homicídios na Europa	110
Violência e classe	131
A violência no mundo	137
A violência nos Estados Unidos	144
A descivilização nos anos 1960	163
A recivilização nos anos 1990	176
4. A Revolução Humanitária	194
Execuções supersticiosas: sacrifício humano, bruxaria e libelo de sangue	200
Execuções supersticiosas: violência contra blasfemadores, hereges e apóstatas	207
Punições cruéis e incomuns	214
Pena de morte	219
Escravidão	224
O despotismo e a violência política	231
Grandes guerras	235
De onde veio a Revolução Humanitária?	244
A ascensão da empatia e o apreço pela vida humana	252
A República das Letras e o humanismo esclarecido	256
A civilização e o Iluminismo	264
Sangue e solo	267
5. A Longa Paz	270
Estatísticas e narrativas	271
O século xx foi mesmo o pior?	275
Estatística de brigas mortais, parte 1: a cronologia das guerras	284
Estatística de brigas mortais, parte 2: a magnitude das guerras	298
A trajetória da guerra de grandes potências	313
A trajetória da guerra europeia	320
Os antecedentes hobbesianos e as eras das dinastias e religiões	325
Três correntes na era da soberania	329
Ideologias contrailuministas e a era do nacionalismo	333

Humanismo e totalitarismo na Era da Ideologia.....	342
A Longa Paz: alguns números	348
A Longa Paz: atitudes e eventos.....	355
A Longa Paz é uma paz nuclear?	372
A Longa Paz é uma paz democrática?.....	385
A Longa Paz é uma paz liberal?.....	393
A Longa Paz é uma paz kantiana?.....	398
6. A Nova Paz	407
A trajetória da guerra no resto do mundo	410
A trajetória do genocídio	440
A trajetória do terrorismo.....	470
Onde os anjos temem pisar.....	493
7. As Revoluções por Direitos	515
Direitos civis e o declínio dos linchamentos e pogroms raciais	521
Direitos da mulher e o declínio de estupros e espancamentos	536
Direitos da criança e o recuo do infanticídio, espancamentos, maus-tratos de crianças e <i>bullying</i>	562
Direitos dos gays, declínio dos espancamentos e descriminalização da homossexualidade.....	604
Direitos dos animais e declínio da crueldade com animais.....	614
Por que as Revoluções por Direitos?	641
Da história para a psicologia	648
8. Demônios interiores	650
O lado sombrio	651
A brecha da moralização e o mito do mal puro	658
Órgãos de violência	670
Predação	685
Dominação	692
Vingança	711
Sadismo.....	734
Ideologia	746
Mal puro, demônios interiores e o declínio da violência	763

9. Anjos bons	765
Empatia	768
Autocontrole	792
Evolução biológica recente?	817
Moralidade e tabu	831
Razão	857
10. Nas asas dos anjos	894
Importante, mas inconsistente	896
O dilema do pacifista	903
O Leviatã	906
O comércio gentil	908
Feminização	911
O círculo expandido	916
A escada rolante da razão	918
Reflexões	920
<i>Notas</i>	927
<i>Referências bibliográficas</i>	993
<i>Índice remissivo</i>	1047

Lista de ilustrações

Figura

- 1.1. *Violência cotidiana em um anúncio de fisiculturismo, anos 1940.* (p. 60)
- 1.2. *Violência doméstica em um anúncio de café, 1952.* (p. 61)
- 2.1. *O triângulo da violência.* (p. 73)
- 2.2. *Porcentagem de mortes em guerras em sociedades com e sem Estado.* (p. 91)
- 2.3. *Taxa de mortes em guerras em sociedades com e sem Estado.* (p. 95)
- 2.4. *Taxas de homicídios nas sociedades sem Estado menos violentas comparadas a sociedades com Estado.* (p. 98)
- 3.1. *Taxas de homicídios na Inglaterra, 1200-2000: estimativas de Gurr em 1981.* (p. 105)
- 3.2. *Taxas de homicídios na Inglaterra, 1200-2000.* (p. 106)
- 3.3. *Taxas de homicídios em cinco regiões da Europa Ocidental, 1300-2000.* (p. 108)
- 3.4. *Taxas de homicídios na Europa Ocidental, 1300-2000, e em sociedades sem Estado.* (p. 109)
- 3.5. *Detalhe de “Saturno”, Das Mittelalterliche Hausbuch (O livro da casa medieval), 1475-80.* (p. 111)
- 3.6. *Detalhe de “Marte”, Das Mittelalterliche Hausbuch (O livro da casa medieval), 1475-80.* (p. 112)
- 3.7. *Porcentagem de mortes por violência de homens ingleses aristocratas, 1330-1829.* (p. 132)
- 3.8. *Geografia do homicídio na Europa, fim do século XIX e começo do século XXI.* (p. 138)

- 3.9. *Geografia do homicídio no mundo, 2004.* (p. 140)
- 3.10. *Taxas de homicídios nos Estados Unidos e na Inglaterra, 1900-2000.* (p. 145)
- 3.11. *Geografia do homicídio nos Estados Unidos, 2007.* (p. 146)
- 3.12. *Taxas de homicídios na Inglaterra, 1300-1925, e na Nova Inglaterra, 1630-1914.* (p. 148)
- 3.13. *Taxas de homicídios no nordeste dos Estados Unidos, 1636-1900.* (p. 150)
- 3.14. *Taxas de homicídios entre negros e brancos em Nova York e Filadélfia, 1797-1952.*
(p. 151)
- 3.15. *Taxas de homicídios no sudeste dos Estados Unidos, 1620-1900.* (p. 153)
- 3.16. *Taxas de homicídios no sudoeste dos Estados Unidos e na Califórnia, 1830-1914.* (p. 160)
- 3.17. *Zombando das convenções de asseio e compostura nos anos 1960.* (p. 171)
- 3.18. *Taxas de homicídios nos Estados Unidos, 1950-2010, e no Canadá, 1961-2009.* (p. 177)
- 3.19. *Taxas de homicídios em cinco países da Europa Ocidental, 1900-2009.* (p. 179)
- 4.1. *Tortura na Europa na Idade Média e no início da era moderna.* (p. 197)
- 4.2. *Linha do tempo da abolição da tortura judicial.* (p. 220)
- 4.3. *Linha do tempo da abolição da pena de morte na Europa.* (p. 222)
- 4.4. *Taxa de execuções nos Estados Unidos, 1640-2010.* (p. 222)
- 4.5. *Execuções por crimes exceto homicídio nos Estados Unidos, 1650-2002.* (p. 224)
- 4.6. *Linha do tempo da abolição da escravidão.* (p. 228)
- 4.7. *Renda real por pessoa na Inglaterra, 1200-2000.* (p. 248)
- 4.8. *Eficiência em produção de livros na Inglaterra, anos 1470 a 1860.* (p. 250)
- 4.9. *Número de livros em inglês publicados por década, 1475-1800.* (p. 250)
- 4.10. *Taxa de alfabetização na Inglaterra, 1625-1925.* (p. 251)
- 5.1. *Dois possibilidades pessimistas de tendências históricas da guerra.* (p. 273)
- 5.2. *Dois possibilidades menos pessimistas de tendências históricas da guerra.* (p. 273)
- 5.3. *Cem piores guerras e atrocidades da história humana.* (p. 281)
- 5.4. *Miopia histórica: Centímetros de texto por século em um almanaque histórico.* (p. 283)
- 5.5. *Padrões aleatórios e não aleatórios.* (p. 290)
- 5.6. *Dados de Richardson.* (p. 291)
- 5.7. *Número de brigas mortais de diferentes magnitudes, 1820-1952.* (p. 298)
- 5.8. *Probabilidades de guerras de diferentes magnitudes, 1820-1997.* (p. 300)
- 5.9. *Alturas de homens (distribuição em curva normal ou de Gauss).* (p. 301)
- 5.10. *Populações de cidades (uma distribuição de lei de potência) representadas nas escalas linear e logarítmica.* (p. 302)
- 5.11. *Total de mortes em brigas de diferentes magnitudes.* (p. 312)
- 5.12. *Porcentagem de anos em que houve guerra entre grandes potências, 1500-2000.* (p. 316)

- 5.13. *Frequência de guerras envolvendo grandes potências, 1500-2000.* (p. 317)
- 5.14. *Duração de guerras envolvendo grandes potências, 1500-2000.* (p. 318)
- 5.15. *Mortes em guerras envolvendo grandes potências, 1500-2000.* (p. 319)
- 5.16. *Concentração de mortes em guerras envolvendo grandes potências, 1500-2000.* (p. 320)
- 5.17. *Conflitos por ano na Grande Europa, 1400-2000.* (p. 322)
- 5.18. *Taxa de mortes em conflitos na Grande Europa, 1400-2000.* (p. 323)
- 5.19. *Duração do serviço militar, 48 países bem estabelecidos, 1970-2010.* (p. 357)
- 5.20. *Efetivo das Forças Armadas, Estados Unidos e Europa, 1950-2000.* (p. 358)
- 5.21. *Porcentagem de guerras territoriais que resultaram em redistribuição de território, 1651-2000.* (p. 361)
- 5.22. *Estados não nucleares que começaram e pararam a busca da bomba atômica, 1945-2010.* (p. 379)
- 5.23. *Democracias, autocracias e anocracias, 1946-2008.* (p. 387)
- 5.24. *Comércio internacional em relação ao PIB, 1885-2000.* (p. 396)
- 5.25. *Número médio de participações em OIG partilhadas por um par de países, 1885-2000.* (p. 401)
- 5.26. *Probabilidade de disputas militarizadas entre pares de democracias e outros pares de países, 1825-1992.* (p. 406)
- 6.1. *Taxa de mortes em combate em conflitos armados com base estatal, 1900-2005.* (p. 415)
- 6.2. *Taxa de mortes em combate em conflitos armados com base estatal, 1946-2008.* (p. 415)
- 6.3. *Número de conflitos de base estatal, 1946-2009.* (p. 418)
- 6.4. *Letalidade das guerras interestatais e civis, 1950-2005.* (p. 419)
- 6.5. *Geografia de conflitos armados, 2008.* (p. 421)
- 6.6. *Crescimento das missões de paz, 1948-2008.* (p. 432)
- 6.7. *Taxa de mortes em genocídios, 1900-2008.* (p. 463)
- 6.8. *Taxa de mortes em genocídios, 1956-2008.* (p. 465)
- 6.9. *Taxa de mortes por terrorismo nos Estados Unidos, 1970-2007.* (p. 479)
- 6.10. *Taxa de mortes por terrorismo na Europa Ocidental, 1970-2007.* (p. 480)
- 6.11. *Taxa de mortes por terrorismo em todo o mundo, exceto no Afeganistão após 2001 e no Iraque após 2003.* (p. 481)
- 6.12. *Conflitos islâmicos e mundiais, 1990-2006.* (p. 499)
- 7.1. *Uso das expressões “direitos civis”, “direitos da mulher”, “direitos da criança”, “direitos dos gays” e “direitos dos animais” nos livros de língua inglesa, 1948-2000.* (p. 518)
- 7.2. *Linchamentos nos Estados Unidos, 1882-1969.* (p. 524)

- 7.3. *Crimes de ódio letais contra afro-americanos, 1996-2008.* (p. 526)
- 7.4. *Crimes de ódio não letais contra afro-americanos, 1996-2008.* (p. 526)
- 7.5. *Políticas discriminatórias e de ação afirmativa, 1950-2003.* (p. 530)
- 7.6. *Atitudes segregacionistas nos Estados Unidos, 1942-97.* (p. 532)
- 7.7. *Opinião dos brancos em relação a casamentos inter-raciais nos Estados Unidos, 1958-2008.* (p. 533)
- 7.8. *Opiniões desfavoráveis sobre afro-americanos, 1977-2006.* (p. 533)
- 7.9. *Adesivo de prevenção e resposta.* (p. 544)
- 7.10. *Taxas de estupro e homicídio nos Estados Unidos, 1973-2008.* (p. 547)
- 7.11. *Atitudes em relação às mulheres nos Estados Unidos, 1970-95.* (p. 549)
- 7.12. *Aprovação do marido que bate na esposa nos Estados Unidos, 1968-94.* (p. 555)
- 7.13. *Agressões por parceiros íntimos nos Estados Unidos, 1993-2005.* (p. 557)
- 7.14. *Homicídios por parceiros íntimos nos Estados Unidos, 1976-2005.* (p. 558)
- 7.15. *Violência doméstica na Inglaterra e no País de Gales, 1995-2008.* (p. 559)
- 7.16. *Abortos no mundo, 1980-2003.* (p. 579)
- 7.17. *Aprovação do espancamento nos Estados Unidos, na Suécia e na Nova Zelândia, 1954-2008.* (p. 590)
- 7.18. *Aprovação de castigos corporais em escolas americanas, 1954-2002.* (p. 593)
- 7.19. *Estados americanos que permitem castigos corporais em escolas, 1954-2010.* (p. 593)
- 7.20. *Maus-tratos contra crianças nos Estados Unidos, 1990-2007.* (p. 595)
- 7.21. *Uma outra forma de violência contra crianças.* (p. 596)
- 7.22. *Violência contra jovens nos Estados Unidos, 1992-2003.* (p. 598)
- 7.23. *Linha do tempo da descriminalização da homossexualidade, nos Estados Unidos e no mundo.* (p. 608)
- 7.24. *Intolerância à homossexualidade nos Estados Unidos, 1973-2010.* (p. 610)
- 7.25. *Crimes de ódio antigay nos Estados Unidos, 1996-2008.* (p. 613)
- 7.26. *Porcentagem de residências americanas onde há caçadores, 1977-2006.* (p. 630)
- 7.27. *Número de filmes por ano em que animais foram maltratados, 1972-2010.* (p. 633)
- 7.28. *Vegetarianismo nos Estados Unidos e no Reino Unido, 1984-2009.* (p. 635)
- 8.1. *Cérebro de rato, mostrando as principais estruturas envolvidas na agressão.* (p. 672)
- 8.2. *Cérebro humano, mostrando as principais estruturas subcorticais envolvidas na agressão.* (p. 677)
- 8.3. *Cérebro humano, mostrando as principais estruturas corticais envolvidas na agressão.* (p. 677)
- 8.4. *Corte medial do cérebro humano.* (p. 678)

- 8.5. *O dilema do prisioneiro.* (p. 716)
- 8.6. *Pedidos de desculpas por líderes políticos e religiosos, 1900-2004.* (p. 731)
- 9.1. *Taxas de juros implícitas na Inglaterra, 1170-2000.* (p. 816)
- 9.2. *O efeito Flynn: aumento dos resultados de QI, 1947-2002.* (p. 870)
- 10.1. *O dilema do pacifista.* (p. 904)
- 10.2. *Como um Leviatã resolve o dilema do pacifista.* (p. 906)
- 10.3. *Como o comércio resolve o dilema do pacifista.* (p. 909)
- 10.4. *Como a feminização pode resolver o dilema do pacifista.* (p. 913)
- 10.5. *Como a empatia e a razão resolvem o dilema do pacifista.* (p. 917)

I. Uma terra estrangeira

O passado é uma terra estrangeira. Lá eles fazem as coisas de outro jeito.

L. P. Hartley

Se o passado é uma terra estrangeira, é terra de uma violência horripilante. É fácil esquecer como a vida era perigosa, como a brutalidade já esteve profundamente urdida na malha do cotidiano. A memória cultural pacifica o passado e nos deixa pálidos suvenires cujas origens sangrentas desbotaram. A mulher que usa um pingente de cruz raramente reflete que esse instrumento de tortura foi uma punição comum no mundo antigo. Quem reclama do *flagelo* do trânsito não se lembra de que esse era o nome do látigo que cortava a carne dos escravos. Vivemos cercados pelos sinais da perversidade do modo de vida de nossos antepassados, mas quase não nos apercebemos deles. Assim como viajar amplia nossos horizontes mentais, uma excursão pelos significados literais da nossa herança cultural pode nos acordar para o quanto as coisas eram feitas de outro modo no passado.

Em um século que começou com o ataque terrorista do Onze de Setembro nos Estados Unidos, a Guerra do Iraque e o genocídio de Darfur, dizer que estamos vivendo em uma época incomumente pacífica pode parecer uma alucinação obscena. Sei, por conversas e pelos dados de um levantamento, que a maioria das

peessoas se recusa a acreditar nisso.¹ Em capítulos posteriores trarei esses dados e datas para minha argumentação. Primeiro, porém, quero abrandar você lembrando fatos incriminatórios do passado que já são de seu conhecimento. Não é apenas uma tentativa de persuasão. Muitos cientistas verificam suas conclusões com um teste de racionalidade, uma amostragem de fenômenos do mundo real para se assegurar de que não deixaram passar alguma falha em seus métodos que os conduzisse a uma conclusão absurda. Os esboços deste capítulo são um teste de racionalidade para os dados que virão.

Faremos a seguir uma excursão por uma terra estrangeira chamada passado, de 8000 AEC* até os anos 1970. Não é uma excursão completa pelas guerras e atrocidades que todos já lembramos por sua violência, e sim uma série de vislumbres por trás de referências enganosamente familiares, para nos lembrar da perversidade que elas escondem. O passado obviamente não é uma terra única; ele engloba grande diversidade de culturas e costumes. O que todas têm em comum é o choque do antigo: um pano de fundo de violência que foi suportada, e muitas vezes bem recebida, de modos que abalam a sensibilidade de um ocidental do século XXI.

PRÉ-HISTÓRIA HUMANA

Em 1991, dois montanhistas tropeçaram em um corpo semienterrado numa geleira que estava derretendo nos Alpes tiroleses. Pensando que fosse uma vítima de um acidente de esqui, o pessoal do resgate arrancou o corpo do gelo a marteladas, danificando no processo a coxa e a mochila do morto. Só quando um arqueólogo encontrou um machado de cobre neolítico percebeu-se que o homem tinha 5 mil anos de idade.²

Ötzi, o Homem do Gelo, como ele hoje é chamado, virou celebridade. Foi capa da revista *Time* e tema de muitos livros, documentários e artigos. Desde O Homem de 2000 Anos, personagem criado por Mel Brooks (“Tenho mais de 42 mil filhos e nenhum vem me visitar”), um quilogenário não tinha tanto a nos dizer sobre o passado. Ötzi viveu na pré-história humana durante a crucial

* AEC (“Antes da Era Comum”) é o termo usado por autores que querem evitar nomenclatura religiosa; equivale a a.C. (“antes de Cristo”). (N. T.)

transição em que a agricultura estava substituindo a caça e a coleta e as primeiras ferramentas de metal, em vez de pedra, começavam a ser feitas. Além de machado e mochila, ele portava uma aljava com flechas guarneçadas de penas, uma adaga com cabo de madeira e um âmbar embrulhado em cortiça que era parte de um elaborado kit para fazer fogo. Usava um chapéu de pele de urso preso ao queixo por uma tira de couro, pernas de couro animal e sapatos de neve à prova d'água feitos de couro e fibra trançada e forrados com grama. Tinha tatuagens em suas juntas artríticas, possivelmente um sinal de acupuntura, e carregava cogumelos com propriedades medicinais.

Dez anos depois de encontrado o Homem do Gelo, uma equipe de radiologistas fez uma descoberta surpreendente: Ötzi tinha uma ponta de flecha incrustada no ombro. Ele não havia caído em uma fenda na geleira e morrido congelado, como os cientistas originalmente supunham; fora assassinado. Quando seu corpo foi examinado pela equipe CSI do Neolítico, evidenciaram-se os contornos gerais do crime. Ötzi tinha cortes não cicatrizados nas mãos e ferimentos na cabeça e no peito. Análises de DNA encontraram vestígios de sangue de duas outras pessoas em uma de suas pontas de flecha, sangue de uma terceira em sua adaga e de uma quarta em sua capa. Segundo uma reconstituição, Ötzi fazia parte de um grupo atacante que lutou com uma tribo vizinha. Ele matou um homem com uma flecha, pegou-a de volta, matou outro homem, tornou a recuperá-la e carregou um companheiro ferido nas costas antes de resistir a um ataque e ser ele próprio derrubado por uma flecha.

Ötzi não é o único homem com milênios de idade que se tornou celebridade científica em fins do século XX. Em 1996, espectadores em uma corrida de hidroplano em Kennewick, Washington, viram ossos na margem do rio Columbia. Arqueólogos logo recuperaram o esqueleto de um homem que vivera 9400 anos antes.³ O Homem de Kennewick tornou-se objeto de batalhas legais e científicas amplamente divulgadas. Várias tribos de nativos americanos brigaram pela custódia do esqueleto e do direito a sepultá-lo de acordo com suas tradições, mas um tribunal federal rejeitou suas pretensões, salientando que nenhuma cultura humana teve existência contínua por nove milênios. Retomados os estudos científicos, os antropólogos descobriram, fascinados, que o Homem de Kennewick era anatomicamente muito diferente dos nativos americanos atuais. Um relatório afirma que ele tinha traços europeus; outro, que era semelhante aos Ainu, os habitantes aborígenes do

Japão. Qualquer dessas possibilidades implica que as Américas teriam sido povoadas por várias migrações independentes, contradizendo evidências de DNA que sugerem que os nativos americanos descendem de um único grupo de migrantes da Sibéria.

Várias foram as razões, portanto, da fascinação que o Homem de Kennewick exerceu sobre os que têm curiosidade científica. E há mais uma. Um projétil de pedra estava alojado em sua pélvis. Embora o osso estivesse parcialmente curado, um indício de que ele não morreu por causa desse ferimento, a evidência forense é inequívoca: o Homem de Kennewick fora ferido por um projétil.

Esses são apenas dois exemplos de restos mortais pré-históricos famosos que trouxeram notícias medonhas sobre como foi o fim dessas pessoas. Muitos visitantes do Museu Britânico são cativados pelo Homem de Lindow, um corpo de 2 mil anos quase perfeitamente preservado, descoberto em uma turfeira na Inglaterra em 1984.⁴ Não sabemos quantos filhos o visitavam, mas sabemos como ele morreu. Seu crânio foi fraturado por um objeto rombudo; seu pescoço, quebrado por uma corda torcida; e para garantir, sua garganta foi cortada. O Homem de Lindow fora um druida, sacrificado de três modos em um ritual para satisfazer três deuses. Muitos outros homens e mulheres encontrados em pântanos no norte da Europa têm sinais de que foram estrangulados, golpeados com clava, apunhalados ou torturados.

Em um único mês enquanto pesquisava para este livro, encontrei duas novas histórias sobre restos humanos bem preservados. Um deles é um crânio de 2 mil anos descoberto em um lodaçal no norte da Inglaterra. O arqueólogo que limpava o crânio sentiu que algo se movia, olhou pela abertura da base e viu lá dentro uma substância amarelada: um cérebro preservado, como se descobriu. Mais uma vez, o incomum estado de preservação não foi a única característica digna de nota do achado. O crânio fora deliberadamente separado do corpo, o que levou os arqueólogos a supor que ali estava uma vítima de sacrifício humano.⁵ A outra descoberta foi uma sepultura de 4600 anos na Alemanha contendo os restos de um homem, uma mulher e dois meninos. Análises de DNA mostraram que eram membros de uma família nuclear, a mais antiga conhecida pela ciência. Os quatro foram sepultados ao mesmo tempo — sinal, dizem os arqueólogos, de que haviam sido mortos em um ataque.⁶

Qual era o problema com os antigos? Não podiam nos deixar um corpo interessante sem recorrer a malfetorias? Alguns casos talvez tenham uma

explicação inocente baseada na tafonomia, os processos pelos quais os corpos se mantêm preservados por longos períodos. Talvez na virada do primeiro milênio os únicos corpos que eram jogados em pântanos, recuperados depois para a posteridade, fossem aqueles que haviam sido sacrificados em rituais. No entanto, em se tratando da maioria dos corpos, não temos razão para supor que tenham sido preservados unicamente porque foram assassinados. Mais adiante examinaremos os resultados de investigações forenses capazes de distinguir entre como um corpo antigo encontrou seu fim e como ele chegou até nós. Por ora, os restos pré-históricos dão a distinta impressão de que O Passado foi um lugar onde uma pessoa tinha grandes chances de sofrer danos corporais.

GRÉCIA HOMÉRICA

O que sabemos sobre a violência pré-histórica depende do acaso que levou determinados corpos a serem acidentalmente embalsamados ou fossilizados; portanto, tem de ser um conhecimento radicalmente incompleto. Mas assim que a linguagem escrita começou a se difundir, os povos antigos nos deixaram melhores informações sobre como cuidavam de seus assuntos.

A *Iliada* e a *Odisseia*, de Homero, são consideradas as primeiras grandes obras da literatura ocidental, e ocupam lugar de honra em muitos guias de iniciação cultural. Embora essas narrativas se passem na época da Guerra de Troia, por volta de 1200 AEC, foram registradas por escrito muito mais tarde, entre 800 e 650 AEC, e supostamente refletem a vida entre as tribos e os cacicados do leste do Mediterrâneo naquela época.⁷

Hoje comumente se lê que a guerra total, envolvendo toda uma sociedade em vez de apenas suas Forças Armadas, é uma invenção moderna. Atribui-se à guerra total o surgimento dos Estados-nações, das ideologias universais e de tecnologias que permitem matar à distância. Mas, se as descrições de Homero forem acuradas (e elas condizem com a arqueologia, a etnografia e a história), as guerras na Grécia arcaica eram tão totais quanto quaisquer guerras da era moderna. Agamêmnon explica ao rei Menelau seus planos de guerra:

Menelau, meu irmão de coração sensível, por que te preocupas tanto com esses homens? Mostraram os troianos essa mesma generosidade quando estiveram em

teu palácio? Não: não deixaremos vivo um único dentre eles, até os bebês no ventre das mães — nem mesmo eles devem viver. Todo o povo tem de ser exterminado, e que não reste ninguém para pensar neles e derramar uma lágrima.⁸

Em *The Rape of Troy* [O estupro de Troia], o pesquisador Jonathan Gottschall discorre sobre o modo como se guerreava na Grécia arcaica:

Navios velozes de baixo calado aportam remando nas praias, e as comunidades costeiras são saqueadas antes que os vizinhos possam acorrer em defesa. Os homens geralmente são mortos, animais de criação e outras riquezas móveis são saqueados, e as mulheres são levadas para viver entre os vitoriosos e servir em trabalhos sexuais e braçais. Os homens homéricos vivem com a possibilidade de morte súbita e violenta, e as mulheres vivem com medo por seus homens e filhos e com medo das velas no horizonte que podem prenunciar novas vidas de estupro e escravidão.⁹

Também lemos comumente que as guerras do século xx foram destrutivas em um grau sem precedentes porque foram travadas com metralhadoras, artilharia, bombardeiros e outros armamentos de longa distância, livrando os soldados das inibições naturais contra o combate corpo a corpo e lhes permitindo matar impiedosamente um grande número de inimigos sem rosto. Segundo esse raciocínio, as armas manuais nem chegavam perto da letalidade de nossos métodos de batalha de tecnologia avançada. Mas Homero descreveu vividamente os danos em larga escala que os guerreiros de sua época eram capazes de infligir. Gottschall nos dá uma amostra de suas imagens:

Fendido com surpreendente facilidade pelo frio bronze, o corpo derrama seu conteúdo em viscosas torrentes: porções de cérebros emergem na ponta de lanças trepidantes, jovens seguram suas vísceras com mãos desesperadas, olhos são arrancados ou cortados do crânio e fitam cegos no pó. Pontas afiadas forjam novas entradas e saídas em corpos moços: no centro da testa, nas têmporas, entre os olhos, na base do pescoço, direto pela boca ou face até o outro lado, através dos flancos, virilhas, nádegas, mãos, umbigos, costas, estômagos, mamilos, peitos, narizes, orelhas e queixos. [...] Lanças, chuços, flechas, espadas, punhais e pedras têm ganas do sabor da carne e do sangue. Sangue espirra e enevoa o ar. Voam fragmentos de ossos. Medula fervilha em cotos recentes. [...]

Finda a batalha, sangue verte de mil feridas mortais ou mutilantes, transforma o pó em lama e engorda o capim da planície. Homens que foram lavrados no solo por pesados carros, garanhões de cascos afiados e sandálias de homens estão irreconhecíveis. Armaduras e armas juncam o campo. Corpos por toda parte decompõem-se, deliquescem, banqueteam cães, vermes, moscas e aves.¹⁰

O século XXI certamente viu estupro de mulheres em tempo de guerra, porém há tempos isso é tratado como um atroz crime de guerra, que a maioria dos exércitos procura impedir e o resto tenta negar ou esconder. Mas para os heróis da *Iliada*, carne de fêmea era um espólio de guerra legítimo: mulheres eram para ser desfrutadas, monopolizadas e descartadas como eles bem entendessem. Menelau começa a Guerra de Troia quando Helena, sua mulher, é raptada. Agamêmnon traz o desastre para os gregos recusando-se a devolver uma escrava sexual ao pai dela e, quando ele cede, apropria-se de uma que pertencia a Aquiles, compensando-o mais tarde com 28 substitutas. Aquiles, por sua vez, faz a seguinte descrição lapidar de sua carreira: “Passei muitas noites em vigília e dias sangrentos em batalha, lutando com homens por suas mulheres”.¹¹ Ulisses volta para sua mulher depois de vinte anos de ausência, mata os homens que a cortejaram enquanto todos o julgavam morto e, quando descobre que os homens haviam se deitado com as concubinas de sua casa, manda seu filho executar também as concubinas.

Essas histórias de massacres e estupros são perturbadoras até pelos padrões dos documentários sobre a guerra moderna. É verdade que Homero e seus personagens deploravam o desperdício da guerra, mas o aceitavam como um fato inescapável da vida, como o clima: uma coisa sobre a qual todo mundo conversa, mas ninguém pode fazer coisa alguma a respeito. Como diz Ulisses, “[somos homens] a quem Zeus deu o destino de consumir nossa vida em guerras dolorosas, desde a juventude até a morte, cada um de nós”. A engenhosidade humana, tão habilmente aplicada a armas e estratégias, mostrava-se inútil diante das causas mundanas da guerra. Em vez de entender o flagelo da guerra como um problema humano para seres humanos resolverem, os homens elaboravam uma fantasia de deuses impetuosos e atribuíam suas próprias tragédias a ciúmes e desatinos das divindades.